

ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DE INFORMALIDADE E ENVOLVIMENTO EM GÊNEROS ESCRITOS

Viviane M. HEBERLE (UFSC)

Abstract: Based on principles of discourse analysis and also of critical discourse analysis, I present considerations on discursive strategies of informality and/or proximity in several types of written texts. I analyze the use of a) discourse markers such as adverbs and interjections; b) interrogative clauses; c) observations in parentheses; and d) direct speech. These strategies show writers' concern to establish involvement and interactional alignment with the audience.

1. Introdução

Devido a avanços tecnológicos e à rapidez na comunicação no mundo contemporâneo, novas formas de relações humanas e novos gêneros do discurso estão surgindo. A dicotomia entre linguagem escrita e oral vem se tomando cada vez mais tênue e parece haver uma tendência de se utilizar marcadores discursivos de informalidade nas relações sociais antes tidas como mais formais, elitistas e distantes. Assim, técnicas de diálogo e de conversação, típicas da comunicação oral/informal, estão sendo usadas em textos escritos tais como editoriais, cartas comerciais/institucionais e textos informativos, para promover maior envolvimento e uma relação interpessoal mais intensa entre os interlocutores (Fairclough, 1992; 1995; McCarthy, 1993), uma espécie do que Widdowson (1994) denomina "conspiração" entre o/a produtor/a do texto e seus/suas receptores/as, ou o que Schiffrin (1987) denomina um alinhamento interacional com a platéia.

Com base em estudos de análise crítica do discurso e de pesquisas sobre a linguagem que investigam a relação entre linguagem escrita e oral (como os trabalhos de Brown e Yule, 1983; Chafe, 1982; Lakoff, 1982; Tannen, 1982; Biber, 1988; Kress, 1989; Halliday, 1989; McCarthy e Carter, 1994), neste artigo apresento uma análise de marcadores de informalidade e/ou proximidade em textos escritos diversos. Trata-se de um breve estudo sobre elementos lexicogramaticais incluindo advérbios, conjunções, interjeições, orações interrogativas, parênteses e o uso de discurso direto, mostrando sua importância para estabelecer um estilo conversacional e a simulação de comunicação face-a-face.

Primeiramente apresento duas características discursivas do mundo contemporâneo. A seguir, a partir da análise de gêneros textuais escritos distintos — cartas de leitores, editoriais de revistas, artigos de jornal e textos acadêmicos — apresento estratégias de envolvimento que contribuem para tornar esses veículos de comunicação menos formais e mais próximos de leitores/as.

2. A conversacionalização do discurso contemporâneo

De acordo com o analista crítico do discurso Fairclough (1993; 1995), duas das características do mundo contemporâneo em termos de práticas discursivas são: 1) a sociedade contemporânea é pós-tradicional, isto é, novas formas de relações pessoais estão surgindo; e 2) a sociedade atual é promocional.

Em relação à primeira característica, pode-se dizer que hoje em dia parece haver uma tendência de se utilizar estratégias discursivas de informalidade nas relações sociais. Posições e cargos anteriormente baseados na autoridade por si só estão dando lugar a um processo de negociação e técnicas de diálogo, de informalidade, de conversação, típicas da comunicação oral

* Simpósio "Produção de Conhecimento e Gêneros do Discurso".

e pessoal, estão sendo apropriadas por instituições na comunicação com seus subordinados e com o público em geral, tendência esta que Fairclough (1993; 1995) denomina "conversacionalização" do discurso público. Nesse sentido, várias instituições estão treinando seus funcionários a como se comunicar eficazmente com seus clientes. Dois exemplos: programas de treinamento de habilidades comunicativas para mulheres, que incluem vários tópicos como "assertividade", "liderança" e "capacidade pessoal". Outro exemplo: o livro de Margerison's *Conversation Control Skills for Managers* (in Fairclough 1992). Cameron (1995) critica a posição de vários trabalhos sobre como promover a assertividade como meio das mulheres se comunicarem em ambientes profissionais e públicos, considerando-os como um tipo de higiene verbal.

A conversacionalização pode ser entendida como uma forma de aproximação ou abertura de instituições públicas que deixam de utilizar formas discursivas tradicionais, elitistas e formais para fazer uso de técnicas de linguagem informal. Por outro lado, pode-se argumentar que a conversacionalização representa uma apropriação ou manipulação de práticas da esfera privada pelo setor público, para atender a novas exigências do mundo contemporâneo.

A segunda característica do mundo contemporâneo diz respeito a uma tendência por parte de instituições e de pessoas de "marketizar" suas ações. Propagandas e discursos promocionais têm colonizado várias esferas da vida pública, várias instituições sociais e têm ultrapassado barreiras das esferas privada e pública. O discurso funciona como veículo para "vender" produtos, serviços, organizações, idéias ou pessoas (Fairclough, 1995). Novas formas discursivas estão surgindo, com técnicas de conversação sendo utilizadas por instituições para a comunicação com consumidores. É a partir dessa contextualização que desenvolve o presente trabalho.

3. Linguagem escrita e linguagem oral

A fala e a escrita são usadas em contextos diferentes com propósitos e funções diferentes, apropriadas a atividades diferentes (Halliday, 1989). Para Halliday, conversar e escrever são modos diversos de se expressar significados lingüísticos, são realizações alternativas do potencial de significados da linguagem. Enquanto a escrita não incorpora as contribuições prosódicas e paralingüísticas, a fala não sinaliza parágrafos ou orações. A fala é dinâmica, entendida como processo e os fenômenos acontecem, interagem num fluxo contínuo. Na fala, ajustes são feitos no contexto de situação e exprimem nuances do significado interpessoal. A escrita, por sua vez, é sinóptica, entendida como produto (ibid). Segundo Halliday (1989), pode haver traços de linguagem oral em linguagem escrita e vice-versa. Em culturas escritas, a fala tende a ser desvalorizada por não ser o meio primordial de acesso ao poder e a privilégios.

A fala tende a ser mais cordial; com hesitações, falsos começos, repetições, pausas, silêncios, tomadas e entregas de turno, sobreposições de falas, mecanismos de reparações, aberturas, fechamentos etc.

Conforme explicam Brown e Yule (1983), na fala há orações nominais e vocabulário mais genérico, poucas orações subordinadas, e uso da voz ativa. O discurso escrito, por sua vez, impõe respeito por ser ligado à eloqüência. Existem tipos de discurso oral não espontâneo, como palestras, por exemplo, e existe também tipos de discurso escrito espontâneo, como bilhetes ou

bate-papo via internet. A linguagem oral geralmente é imediata e emocionalmente envolvente; porém, o discurso escrito tende a ser planejado e dá condições para os/as escritores/as e os/as leitores/as repensarem suas impressões.

De acordo com Kress (1989), enquanto uma conversa casual acontece por "acordos" entre os/as interlocutores/as, uma entrevista acontece por "direções" por parte do/a entrevistador/a. No discurso da mídia, Cook (1992) explica a preferência de anunciantes pela linguagem oral, pois sons e imagens visuais fazem parte de uma interação face-a-face. Daí surge o uso de estratégias verbais de linguagem oral para refletir um estilo conversacional. De acordo com Tannen (1982:2) se estratégias da linguagem oral são utilizadas, então se enfatiza a "relação interpessoal entre o/a comunicador/a e sua platéia". Chafe (1982) também explica que na linguagem oral falantes e ouvintes compartilham conhecimento prévio e um maior envolvimento do que escritores/as e leitores/as.

4. Marcadores discursivos de linguagem informal

Dentre as marcas de discurso oral informal encontram-se os marcadores discursivos ou marcadores de monitoração do fluxo de informação (Chafe, 1982). Trata-se de certas conjunções, interjeições e/ou advérbios como "sabe, né, seguinte, bem, bom, pera aí, aí, sim, aliás, ah", que ligam partes do discurso anafórica ou cataforicamente - partículas essas já estudadas por analistas do discurso como Stubbs (1983), Brown e Yule (1983) e Carter (1987). Stubbs (1983:68), por exemplo, explica que partículas como *now, right, OK, anyway, you know, I see, hello, e byebye* são essencialmente interativas, geralmente restritos à linguagem oral. Segundo McCarthy (1993), marcadores discursivos indicam o rumo do discurso: são formas lingüísticas que servem de apoio organizacional ao texto. Servem como estratégias de "conversacionalização" (Fairclough, 1995).

Schiffrin (1987; 1994) define marcadores discursivos como elementos seqüenciais dependentes que agrupam unidades da fala e estabelecem divisões textuais da fala: são coordenadores contextuais da organização da fala. Schiffrin (1987) desenvolve uma pesquisa sobre os usos e funções de partículas tais como *Oh, Well, and, but, or, so, because, now, then, yknow e I mean* no discurso oral e conclui que tais marcadores funcionam como sinalizadores contextuais que auxiliam a produção e interpretação da fala e marcam uma presença interacional. (Schiffrin, 1987). São denominados "coordenadores contextuais da fala" (ibid p.312).

McCarthy (1993) explica que os marcadores discursivos representam um sistema de gerenciamento do que é falado ou escrito e desempenham uma função interacional do discurso. Em seu estudo sobre o grau de oralidade em três tipos de texto escrito (literário, jornalístico e publicitário), McCarthy explica que os marcadores discursivos são responsáveis pelo julgamento das pessoas no que se refere a um texto ser oral ou escrito. Os marcadores contribuem para o estabelecimento de um "contexto conversacional" (McCarthy, 1993).

Algumas dessas partículas são encontradas em textos de cultura de massa e também em textos acadêmicos e contribuem para criar um ambiente (ou mais precisamente um esquema mental) onde idéias e sentimentos são compartilhados. O texto escrito, assim, funciona como se fosse uma conversa informal e agradável entre o/a produtor/a do texto e leitores/as. Em editoriais de revistas femininas, por exemplo, o uso de marcadores discursivos constitui uma estratégia lingüística persuasiva que contribui para o estabelecimento de uma possível interação informal e

íntima entre a editora e as leitoras em potencial (Heberle, 1997). O editorial funciona como se fosse uma conversa informal e agradável entre a editora e as leitoras sobre as "novidades" que cada edição traz. Por exemplo:

1)...Oba, tem gente nova na redação! Quero apresentar para vocês a Mônica Junqueira e a Débora Lopes - olha as duas comigo aí na foto... Ah, claro, e na hora do click ela também está lá, no estúdio do fotógrafo, para que as fotos saiam do jetinho que você gosta de ver aqui na *Atrevida*. (Editorial da revista *Atrevida*, maio 1995)

2)...Você assistiu à entrevista da Regina Casé no *Cara a Cara*, da Marília Gabriela? Bom, eu assisti. Se eu já era apaixonada pela Regina, agora sou o quê? Mais que apaixonada! (Editorial da revista *Capricho*, out 1993)

3) O Brasil é lindo, é nosso, e a gente que mora aqui é que pode fazer alguma coisa para ele ser ainda mais poderoso. Vamos ter orgulho de nós? Cada vez mais? Então está combinado. Eu sei que a gente pode. Um beijo gigantesco. (Editorial da revista *Capricho*, out 1993)

Esses trechos, retirados de editoriais de revistas para adolescentes, exemplificam como o uso de marcadores discursivos contribui para uma contextualização de proximidade com as leitoras. A interjeição *Ah* no exemplo 1) funciona como uma expressão emocional de surpresa ou percepção, como um sinalizador de um foco de atenção por parte da editora (ver Schiffrin, 1987).

Eis dois outros exemplos de informalidade, em dois gêneros textuais diversos, parte de uma carta do leitor e um editorial de revista feminina:

4) A melhor maneira para trabalhar com Windows 95 é a seguinte:

...Jogue os pedaços no lixo...

Aí, compre um Macintosh!

(Bob Grow, Carta do Leitor, *Zero Hora*, 13 set 1995)

5) Hoje estou rindo e cantando a toa... Acho que é o verão, o começo do ano, a maravilha da cidade ainda vazia. Ou ainda, a coragem de pelo menos tentar aprender uma coisa que nunca imaginei pudesse fazer: mergulhar. Pois é, Rosely Parrela, amiga nova e querida me leva para esta aventura. Não sei nadar direito, sou um horror e, aliás, não gosto de nadar. Mas adoro água. Quem sabe me dou bem? Não custa tentar... (Editorial da revista *Claudia*, Fev 1995)

Os marcadores discursivos apresentados acima parecem funcionar como uma pausa na conversa com leitores/as, simulam um bate-papo e preparam os/as leitores/as para o trecho subsequente dos textos.

5. A intercalação de orações interrogativas em textos escritos

Além dos marcadores discursivos, uma outra marca de discurso oral é a intercalação de orações declarativas com interrogativas e/ou exclamativas, que também sugere um dinamismo na interação entre os participantes do evento discursivo. Esse mecanismo discursivo pode contribuir para simular uma conversa informal. Por exemplo:

6)... Não sei nadar direito, sou um horror e, aliás, não gosto de nadar. Mas adoro água. Quem sabe me dou bem? Não custa tentar... (Editorial da revista *Claudia*, Fev 1995)

7) Mas descobri que em alguns aspectos da vida subestimo o meu potencial. Sabe o que é mais incrível? É tudo verdade! (Editorial da revista *Nova*, Fev 1993)

Nesses trechos nota-se a informalidade do discurso pelas expressões tipicamente utilizadas em interações do dia-a-dia. Além disso, as orações declarativas são intercaladas com

as exclamativas e interrogativas, o que sugere uma relação pessoal, informal e solidária da editora-chefe com as leitoras em potencial, como se houvesse uma estrutura conversacional, um par adjacente imaginário de pergunta e resposta entre a editora e a leitora. Por exemplo,

- Sabe o que é mais incrível?
- Não. O que é?
- É tudo verdade!

Embora pareça haver a presença de uma interlocutora, sabe-se que a interação é assimétrica, controlada pela editora-chefe, produtora do texto, pois é ela quem determina o que deve ser dito, como e em que seqüência.

Em textos acadêmicos também podemos encontrar dinamismo e uma espécie de solidariedade com leitores/as através da intercalação de orações declarativas e interrogativas. Por exemplo:

- 8) A pergunta que naturalmente surge diante desta constatação é: "ele é movido por qualquer evento histórico?" A resposta é "não". (p 114)
... Sob pena de tornar-me repetitivo, retomo outra vez a pergunta já feita anteriormente: "a tetralogia se nutre de qualquer dos elementos da cena?" A resposta é, outra vez, não.
(Texto acadêmico: D. Ristoff, "Refazendo Cenas", *Ilha do Desterro*. Florianópolis: Edit da UFSC jan/jun 1997, p 118)
- 9) Que operações são utilizadas pelo escritor para dar forma e conteúdo finais ao seu texto? Essa pergunta pode ter duas respostas. A primeira é que...A segunda resposta..
(Texto acadêmico: J. L. Meurer, "Esboço de um modelo de produção de textos" In J. L. Meurer e D. Motta-Roth (orgs) *Parâmetros de Textualização*. Santa Maria: Edit da UFSM, 1997, p 24)

Parece haver uma preocupação dos autores em estabelecer proximidade com seus leitores e tornar seus textos menos formais.

6. Observações em parênteses

Freqüentemente encontramos observações ou comentários em parênteses que funcionam como um tipo de alinhamento interacional ou estratégia de envolvimento, (ver Schiffrin, 1987), pois interrompem o fluxo normal da conversa, indicando um comentário ou um efeito à parte, uma sobreposição, como se o/a escritor/a estivesse compartilhando pensamentos com sua platéia, como numa interação face-a-face. Tais comentários têm um significado interacional e podem ser considerados como uma outra estratégia de linguagem oral transferida para a escrita.

Junto com os marcadores discursivos, e as orações interrogativas, os comentários em parênteses têm uma força persuasiva porque sugerem uma conversa ilusória e às vezes servem como respostas a possíveis perguntas feitas pelos/as leitores/as. As observações em parênteses podem representar uma explicação ou o reforço de uma proposição, ou também uma reação do/a escritor/a a um possível ponto de vista contrário do/a leitor/a. Por exemplo:

- 10) A radiografia do candomblé, que começa na página 18, é uma festa. E que festa: os atabaques convocam os orixás (os deuses) para a cerimônia. A partir dela, você vai descobrir como funciona um terreiro, como são os rituais de iniciação, os segredos do jogo de búzios e muito mais. (Editorial da revista *Superinteressante*, Jan 1995)

As observações em parênteses também funcionam como uma interrupção do fluxo das idéias, sinalizando um corte na coerência discursiva. Ao mesmo tempo, podem exprimir uma colocação pessoal do/a escritor/a. Por exemplo:

11) Mesmo debaixo d'água, uso filtro solar. Desta vez dei uma bobeada. Fiquei muito tempo dentro do mar (não existe nada mais maravilhoso) e os cremes não deram conta. (Editorial da revista *Cláudia*, fev/95)

12) Partindo das novas práticas materiais e simbólicas que caracterizam a participação política das mulheres nos movimentos sociais, no caso o das mulheres trabalhadoras rurais, Lavinás descreve a conquista de novos espaços de autonomia que questionam e redefinem seu lugar na divisão social e sexual do trabalho (e do poder, poderíamos acrescentar). (Texto acadêmico: M. G. Castro e L. Lavinás, "Do feminino ao gênero: A construção de um objeto" *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Edit Rosa dos Tempos, 1992 p 234).

Tais observações ou interrupções, pois, sugerem aproximação com leitores/as e podem ser consideradas uma estratégia interacional para envolver a platéia (ver Chafe, 1982).

As informações contidas em parênteses constituem um nível secundário do discurso, como um comentário adicional ao conteúdo proposicional. Eis aqui outro exemplo:

13)... Ao contrário do que se poderia supor (apressadamente), Bakhtin não desconsidera o estudo lingüístico clássico (em uma remissão clara a Saussure), mas adverte que o seu ponto de vista (o de Bakhtin) é diferente porque não é baseado em um objeto abstrato construído. (Texto acadêmico: V. Flores, "Dialogismo e enunciação: Elementos para uma epistemologia da lingüística", *Linguagem e Ensino*, vol 1 n° 1, Pelotas: EDUCAT, jan 1998 p 14)

Percebe-se que há um desejo de estabelecer um contato pessoal de proximidade, com leitores/as para que o texto esteja claro.

7. A representação da fala em textos escritos

O discurso direto também simula linguagem oral em textos escritos; trata-se de uma estratégia, inserção ou transferência da linguagem oral para a escrita, (Lakoff, 1982). É uma forma de tornar o texto mais pessoal e emocional. Analistas críticos do discurso entendem que em textos jornalísticos, o discurso direto é de alguma forma manipulado, não representa o discurso exato do/a falante, pois nenhum discurso é neutro e os repórteres interferem na representação do discurso. Reproduzem o que lhes é conveniente ou reproduzem as partes que consideram importantes.

Em relação à tomada de turno, a representação do discurso oral é organizado pelo/a escritor/a: a ordem dos turnos, a duração da conversa, as mudanças de tópico, a distribuição dos turnos não são efetuados como numa interação real. Nas notícias de jornal, a apresentação dos turnos é mais reduzida do que em ficção - a notícia é o que o entrevistando produz, e tomadas de turno aparecem sozinhas. Ao selecionar e processar o que relatar, escritores/as revelam sua posição em relação ao que está representado. Diferenças estilísticas e favoritismos ideológicos determinam como autores apresentam os turnos (Caldas-Coulthard, 1992).

O discurso direto é sempre mediado e indireto, por ser produzido por alguém que interpreta os atos de fala representados de acordo com suas convicções e pontos de vista (Caldas-Coulthard, 1992). Ao explicitar as estratégias usadas por autores para representar o discurso oral, podemos nos tornar conscientes de como a linguagem é usada para refletir relações sociais, culturais e ideológicas (ibid). Em romances, há representações do discurso oral,

mas são representações, com significado diferente da conversação espontânea, representando no máximo transcrições de conversas espontâneas. Alguns exemplos de discurso direto incluem:

14) Para Olenka Franco, diretora do Instituto Sinal, "a maioria das mulheres hoje é muito mais determinada, tem prazer em trabalhar porque assim consegue exercer a inteligência e se informar. Como eu, muitas não viveriam sem o trabalho". (Editorial da revista *Nova*, jan, 1993)

15) "É uma escola antiga, as pessoas se conhecem. Muitos dos professores e pais de alunos estudaram aqui e têm uma ligação afetiva com o local", afirma Evanildo Silva Araújo, diretor do estabelecimento. (Texto jornalístico: L Hama, Folha de São Paulo, 3^o Caderno, p1, 27, junho 1998)

O discurso direto não corresponde a uma conversa real, sendo uma reconstrução de uma possível interação ocorrida anteriormente. Conforme Caldas-Coulthard (1992:201), o discurso direto é uma estratégia textual que dramatiza a narrativa, legitima ou avalia a estória que está sendo contada.

O uso de discurso direto contribui para tornar o texto mais dinâmico, vívido e interativo (ver Longacre, 1983; Meurer, 1998). Quando escritores usam discurso direto, como se fosse uma conversa de fato, os mecanismos de tomada de turno são simplificados, os aspectos interacionais não são representados e somente algumas partes são enfatizadas. Dá-se relevância ao conteúdo proposicional e não a aspectos interpessoais. Por exemplo:

16) Os organizadores do evento estão à disposição de escolas e universidades para programas visitas e ofereçam até mesmo locomoção. "O ônibus da Fiergs poderá levar os visitantes que não têm como chegar até lá", avisa Márcio da Rosa Cachapuz da Digital, um dos organizadores do evento. (Texto jornalístico: *Zero Hora*, 13 set 1995)

17) Apesar de agora trabalharem juntos, a repórter Lidice Severiano e o fotógrafo Michael Ende se apaixonaram no último réveillon em plena festa na praia em Porto Seguro, Bahia. "O moreno de cabelos longos e olhos de um azul profundo revelou-se também talentoso sedutor", garante Lidice. "No final da nossa primeira taça de vinho, ele já tinha ganho a namorada que hoje o acompanha em todas as aventuras pessoais e profissionais." (Editorial da revista *Nova*, junho de 1993)

Às vezes, as citações de pessoas são usadas para dar apoio e credibilidade ao argumento do/a autor/a, como nos dois últimos exemplos.

8. Considerações finais

Neste trabalho procurei mostrar algumas das estratégias discursivas típicas da linguagem oral utilizadas em textos escritos. Tais estratégias contribuem para sinalizar uma forma conversacional, informal de comunicação com leitores/as e não fazem parte de uma comunicação em tempo real. São, portanto, mecanismos utilizados para criar uma comunicação mais direta e interacional e para simular um contato pessoal de proximidade, informalidade e envolvimento com os/as leitores/as.

Essas estratégias discursivas de informalidade constituem um dos elementos lexicogramaticais que se enquadram na função interpessoal da linguagem. Para Halliday (1994) a função interpessoal diz respeito aos significados das relações sociais estabelecidas entre os participantes da interação, ao tipo de envolvimento entre os interlocutores/as, ao tipo de papel que falantes adotam para si próprios/as e para os/as interlocutores/as; refere-se à expressão das atitudes e avaliações entre os/as participantes da interação verbal.

As questões levantadas no presente estudo poderão fornecer subsídios para uma maior conscientização das diferenças existentes entre a linguagem oral e a escrita no ensino e aprendizagem de línguas para fins acadêmicos e não acadêmicos, podendo contribuir também para a categorização de gêneros discursivos diversos. Para aprendizes da linguagem, a análise desses elementos lexicogramaticais pode auxiliar na elaboração de seus textos, tanto orais ou escritos mais formais, distantes e menos envolventes quanto daqueles mais familiares, fragmentados, informais e mais envolventes. Em qualquer um dos casos, é importante querer se identificar com sua platéia, estar em sintonia com suas identidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIBER, D (1988) *Variation Across Speech and Writing*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BROWN, G. and Yule, G. (1983) *Discourse Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CALDAS-COULTHARD, C. R. (1992) Reporting speech in narrative discourse: stylistic and ideological implications. In: J.L. Meurer (ed) *Ilha do Desterro*. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 27:(67-82).
- CAMERON, D (1995) *Verbal Hygiene*. London and New York: Routledge.
- CARTER, R. (1987) *Vocabulary: Applied Linguistic Perspectives*. London: Unwin Hyman.
- CHAFFE, W. (1982) "Integration and involvement in speaking, writing, and oral literature". In: D. Tannen (ed) *Spoken and Written Language - Exploring Orality and Literacy*. Norwood, NJ: Ablex.
- COOK, G (1992) *The Discourse of Advertising*. London: Routledge
- FAIRCLOUGH, N. (1995). *Critical Discourse Analysis*. London: Longman.
- _____. (1993). Critical discourse analysis and the marketization of public discourse: the universities. *Discourse & Society*, vol 4 (2): 133-168.
- FAIRCLOUGH, N. (1992). *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press.
- HALLIDAY, M.A.K (1994) (2 ed) *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold.
- HALLIDAY, M.A.K (1989). *Spoken and Written Language*. Oxford: Oxford University Press.
- HEBERLE, V (1997) An investigation of textual and contextual parameters in editorials of women's magazines. Pós-Graduação em Inglês. Universidade Federal de Santa Catarina. Tese de doutorado.
- KRESS, G. (1989) *Linguistic Processes in Sociocultural Practices*. Oxford: Oxford University Press.
- LAKOFF, R. (1982) "Some of my favorite writers are literate: The mingling of oral and literate strategies in written communication" In D. Tannen (ed) *Spoken and Written Language: Exploring Orality and Literacy*. Norwood, N.J.: Ablex.
- LONGACRE, R. (1983) *The Grammar of Discourse*. New York: Plenum Press.
- MCCARTHY, M and CARTER, R. (1994) *Language as Discourse - Perspectives for Language Teaching*. London: Longman.
- MCCARTHY, M. (1993) Spoken discourse markers in written text. In: J. Sinclair, M. Hoey and G. Fox (eds) *Techniques of Description - Spoken and Written Discourse*. London and New York: Routledge. pp 170-182.
- MEURER, J L (1998) *Aspects of Language in Self-Help Counselling*. Advanced Research in English Series. Florianópolis: Editora da UFSC.
- SCHIFFRIN, D. (1994) *Approaches to Discourse*. Oxford: Blackwell.
- SCHIFFRIN, D. (1987) *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press.
- STUBBS, M. (1983) *Discourse Analysis: The Sociolinguistic Analysis of Natural Language*. Chicago: The University of Chicago Press.
- TANNEN, D. (1982) "The oral/literate continuum in discourse" In: D. Tannen (ed) *Spoken and Written Language: Exploring Orality and Literacy*. Norwood, N.J.: Ablex.
- WIDDOWSON, H. G. (1994) Autonomous learner and authentic language. In: V. Leffa (ed) *Autonomy in Language Learning*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, pp 381-394.